

CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE FONÉTICO-FONOLÓGICO DO FENÔMENO LINGUISTICO – TRANSFORMAÇÃO DO /lh/ EM /i/ NA CIDADE DE BELÉM – PA

LINGUISTIC CARTOGRAPHY: A PHONETIC-PHONOLOGICAL ANALYSIS OF THE LINGUISTIC PHENOMENON – TRANSFORMATION OF /lh/ IN /i/ IN THE CITY OF BELÉM – PA

Thamy Saraiva Alves¹

Lucilinda Ribeiro Teixeira²

Maria do Perpetuo Socorro Cardoso Silva³

RESUMO: Neste artigo, objetivamos analisar as variantes linguísticas encontradas nos bairros da cidade de Belém, no Estado do Pará, respectivamente uma análise fonético-fonológica do fenômeno linguístico – transformação do /lh/ em /i/. O estudo tem como base o dialetológico, ancorado na Sociolinguística e na Geolinguística, utilizando o método cartográfico na produção de dados fonético-fonológico que envolvem o sujeito em sociedade, contribuindo para registro das variações linguísticas e as influências dessas variantes no âmbito regional, possibilitando mostrar as lexias encontradas na mesorregião de Belém do Pará, num contexto de uma análise das lexias dos sujeitos com o Atlas Linguístico do Brasil e entre os sujeitos das redes de pontos/bairros, que pertencem a microrregião de Belém/Pa, *locus* da pesquisa, que constituíram o *corpus* das análises, que privilegiou o tipo descritivo, numa interpretação quanti-qualitativa. Com base nos aportes teóricos dos autores Bagno (2010); Bortoni-Ricardo (2009); Faraco (2008); Beline (2005); Tarallo (1985); Coseriu (1982), além de pesquisas bibliográficas no Estado do Pará que mostram que nenhuma língua é homogênea, e sim um conjunto de variedades usadas diferentemente de acordo com a época, lugar e características sociais do falante. A relevância da pesquisa ocorre por meio de estudos da linguagem, se justificando nas práticas socioculturais do sujeito, como consequência natural dada à importância das lexias nos aspectos fonético-fonológico para o homem e sua existência, esse sujeito é visto como ser social e epistemológico, portador de uma cultura local ou regional numa determinada comunidade ou região.

Palavras-chave: Variação; língua; sujeitos.

ABSTRACT: In this article, we aim to analyze the linguistic variants found in the neighborhoods of the city of Belém, State of Pará, respectively a phonetic-phonological analysis

¹ Doutora em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia – UNAMA.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professora titular da Universidade da Amazônia – UNAMA, exercendo a docência nos cursos de Graduação em Letras e Moda e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA.

³ Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Titular e pesquisadora da Universidade Estadual do Pará – UEPA. Pós-Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRGN.

of the linguistic phenomenon - transformation of / lh / in / i /. The study is based on the dialectological, anchored in Sociolinguistics and Geolinguistics, using the cartographic method in the production of phonetic-phonological data that involve the subject in society, contributing to the registration of linguistic variations and the influences of these variants at the regional level, allowing to show the lexias found in the Belém do Pará mesoregion, in a context of an analysis of the lexies of the subjects with the Linguistic Atlas of Brazil and among the subjects of the point / neighborhood networks, which belong to the Belém / Pa microregion, the research locus, which constituted the corpus of the analyzes, which privileged the descriptive type, in a quantitative and qualitative interpretation. Based on the theoretical contributions of the authors Bagno (2010); Bortoni-Ricardo (2009), Faraco (2008); Beline (2005); Tarallo (1985); Coseriu (1982), in addition to bibliographic research in the State of Pará that show that no language is homogeneous, but a set of varieties used differently according to the time, place and social characteristics of the speaker. The relevance of the research occurs through language studies, being justified in the sociocultural practices of the subject, as a natural consequence given the importance of lexias in phonetic-phonological aspects for man and his existence, this subject is seen as social and epistemological being, bearer of a local or regional culture in a particular community or region.

Keywords: Variation; language; subjects.

Introdução

É consabido que a Língua faz parte de um processo histórico, social e cultural, cujas apresentações se realizam por si só e sem causa aparente, como registra a Norma Padrão. De acordo com Bagno (2002), existe um distanciamento entre o Português Padrão (PP) e o Português Não Padrão (PNP).

O fato de que a língua está sempre se inovando e de que essa inovação pode ser motivada por fatores contextuais, culturais e regionais é negligenciado. Bagno (2009, p.67) diz:

enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detêm em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renova quando vier a próxima cheia.

Para Bagno (2009), a língua é viva e está em constante transformação em: gírias, dialetos, neologismos, estrangeirismos. Todos fazem parte dessa língua, mantendo-a sempre heterogênea.

Nessa perspectiva, ao pensar /falar em variação linguística, é mostrar as variantes de uma determinada língua que abrange o mais amplo sentido, quando se planea nas diferentes línguas que existem no mundo. Entretanto, sabemos que em cada país se fala uma língua e adentrando a esses países existem outras línguas diferente do padrão, diferenciando essa variação, que caracterizamos de dialetos ou variedades regionais, exemplo: o português que falamos na Bahia, por exemplo, é “bastante diferente” do falado em São Paulo, o que não impede que ocorra a comunicação.

Beline (2005, p.122) fala em:

variação diatópica – aquela em que se faz referência a um mesmo elemento do mundo por mais de um termo linguístico, ou um mesmo vocábulo pronunciado de formas diferentes – e variação diafásica – aquela que considera o momento de enunciação, o contexto, a situação (mais formal ou menos formal).

De acordo com Beline (2005), a variação linguística é inerente a toda e qualquer língua viva do mundo, ou seja, as línguas variam no tempo, nos espaços geográfico e social e também de acordo com a situação em que o falante se encontra. Portanto, toda língua é um conjunto heterogêneo e diversificado porque as sociedades humanas têm experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes e estas se refletirão no comportamento linguístico de seus membros.

A partir desse pressuposto, no presente artigo, buscamos analisar o falar Belenense em aspectos fonético-fonológicos, mapeando se esse falar se diferencia do falar proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a fim de descrever a realidade linguística da cidade de Belém, com vistas a identificar fenômenos fonético-fonológicos, característicos da diferenciação da unidade linguísticas dos falantes em relação ao proposto pelo ALiB, nesse caso o fenômeno linguístico: transformação do /lh/ em /i/.

Nessa percepção, na pesquisa, apreciamos o levantamento bibliográfico em livros, artigos, dissertações e teses, além de um alicerce pautado na Sociolinguística e na Dialectologia: aquela que busca das variações linguísticas geográfica nas áreas rurais e urbanas de uma determinada região ou localidade e remete ao falar regional desse povo numa distribuição demográfica e geográfica; esta é o estudo de línguas que investiga a seleção dos pontos da comunidade regional ou local, abarca a elaboração do questionário, proposto pelo ALiB para que haja a comparação regional, faz a coleta do material e, nesse caso, realiza as entrevistas e o registro do material em tabelas e mapas.

Considerando que a sociolinguística e a dialectologia registram o conhecimento linguístico, dentro de um determinado contexto cultural, contribuindo para o registro da memória da comunidade linguística brasileira numa perspectiva variacionista, isto feito, por meio de pesquisa quantitativa dos dados em contextos extralinguísticos, esta que permitiu perceber a sistematicidade da variação fonético-fonológico, considerando os chamados fatores externos à análise linguística.

O estudo procedeu por meio do cunho descritivo e abordagem quantitativa, utilizado na produção dos dados fonético-fonológico, na formulação e, principalmente, nas diversas possibilidades de respostas que correspondem às ocorrências atribuídas aos falantes/ouvintes de uma dada comunidade linguística, que permite constituir a diferenciação e, ao mesmo tempo, definir a unidade do acervo linguístico, para a construção da carta fonética.

Assim, esperamos configurar um banco de dados, que permita a qualquer interessado acessar, para estudos e pesquisas, usos linguísticos reais, de falantes reais, em situações reais de comunicação. Não almejamos, portanto, chegar a um ideal de uso linguístico e sim registrar o maior número possível de ocorrências e quem são os sujeitos que a usam.

As pesquisas bibliográficas – realizadas no Estado do Pará e no Brasil, como:

- *A variação do /r/ pós-vocálico em coda interna no Norte do Brasil: um estudo geossociolinguístico* – Fernanda Analena Ferreira Borges da Costa (2015);
- *O /R/ caipira no triângulo mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas* – Hélen Cristina da Silva (2012);
- *A variável (r) posvocálica medial nos estados do Amapá e Pará: um estudo geossociolinguístico* – Celeste Maria da Rocha Ribeiro (2012);
- *Um estudo fonológico e geolingüística sobre a palatalização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu* – Alessandra Bassi (2016);
- *Cartografia linguística e educação na Amazônia: um estudo semântico-lexical da fala na/da microrregião Marabá/Pará* – Fábio Rogério Rodrigues Gomes (2007); e
- *Estudo semântico-lexical: com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará* – Maria do Perpétuo Socorro Cardoso Silva (2002).

Essas pesquisas revelam a importância para que se faça um estudo científico sistematizado, visto que os estudos citados pontuam características de um falar específico, não permitindo ver a fala como um todo, considerando que as pesquisas abrangem *locus* diferenciados e mostram registros de história da língua para constituição e elaboração de Atlas Linguísticos Regionais.

Apreciando que a pesquisa objetivou coleta de dados em relação ao fenômeno transformação do /lh/ em /i/, ressaltamos ao contexto social a relevância dos estudos da linguagem, justificando que nas práticas socioculturais do sujeito, como consequência natural, dada à importância das lexis nos aspectos fonético-fonológico para o homem e sua existência. Assim, esse sujeito é percebido como ser social e epistemológico portador de uma cultura local ou regional, que define a partir de questões práticas, falares próprios numa variação linguística que integra o conhecimento linguístico numa determinada comunidade ou região.

Nessa perspectiva, a importância da pesquisa não é somente registrar uma especificidade da língua, e sim contemplar o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) com vista ao AliB. Além de contribuir para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e o Atlas Linguístico do Pará (ALIPA), visto que possibilitará registros contundentes da fala regional, na região de Belém/PA.

Locús da pesquisa – as redes de pontos

A pesquisa perpassou por pontos linguísticos traçados geograficamente, num contexto histórico cultural e socioeconômico da área pesquisada, possibilitando um olhar geográfico para poder recortar o territorial, visando estabelecer a divisão desses pontos linguísticos.

Assim, o *locús* da pesquisa ocorre no município de Belém, no estado do Pará, nos bairros de Benguí, Guamá, Souza, Nazaré e Pedreira, constituindo a rede de pontos, onde o levantamento de dados aconteceu somente nesses bairros. Além de representar as limitações situadas na rosa do vento – pontos cardeais: Norte, Sul, Leste e Oeste.

De acordo com Coseriu (1982, p.79), a geografia linguística pode ser designada hoje

como o método dialetológico que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas,

[...] (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Isso, para Coseriu (1982), se trata de localizar espacialmente as variações das línguas umas em relação às outras, podendo situar sócio culturalmente cada um dos falantes considerados. Nesse caso, a realidade do povoamento belenense, onde os Distritos administrativos dos bairros de Belém, que se inferem no município de Belém, capital do Estado do Pará e metrópole da Amazônia, são divididos oficialmente em 71 bairros e 8 distritos administrativos, conforme dados populacionais do Censo de 2016, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nesse interim, a escolha de dados se fez, por meio da aplicação de questionários ou por meio do registro de conversa livre, que ocorre mediante ao caráter dialetal, isto é, no caso de aplicação a pesquisas regionais e a pontos localizados, aprofundando o conhecimento da área pretendida, com a inclusão de perguntas que, realmente, investiguem a realidade local.

Portanto, esse instrumento de coleta de dados reside no fato de ser uma guia que propicia variantes lexicais possíveis, previstas inicialmente, permitindo que se comparem trabalhos de diferentes regiões. E, ao mesmo tempo, contribui para a ocultação das peculiaridades dos falares local.

O questionário linguístico é organizado nos aspectos fonético-fonológico, semântico-lexical, morfosintático, prosódico, pragmático discursivo, metalinguístico, com técnicas apropriadas na sua elaboração, tendo como resultados bastante positivos, na recolha de informações e, conseqüentemente, na qualificação dos dados obtidos. Esse é o procedimento seguido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, 2001).

Assim, neste trabalho, optamos em usar a segunda versão publicada do Questionário Fonético-Fonológico (QFF/2001), proposta pelo Comitê de elaboração do Projeto para o Atlas Linguístico do Brasil. Por ser de caráter experimental e passível de modificações, contribuirá para trabalho futuros de análise comparativas entre diferentes regiões do Brasil.

Constituição dos *corpus*

Para compor o *corpus* foi necessário a escolha do sujeito que estivesse adequado aos critérios propostos pelo ALiB:

- pessoas de ambos os sexos (masculino/feminino);
- serem nativos do ponto linguístico pesquisado;
- não terem vivido mais de 1/3 de suas vidas fora do lugar onde nasceram;

- ter uma renda igual ou inferior a dois (2) salários mínimos vigentes na época da pesquisa;
- ter a faixa etária: adultos (a partir de 50 anos) e jovens (entre 18 e 30 anos); e
- ter escolarização até a quarta série ou analfabetos.

Diante do exposto foi preciso uma leitura cuidadosa dos sujeitos para aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), cuja finalidade era verificar a realidade da cidade de Belém, com vistas a identificar os elementos/fenômenos fonético-fonológicos, característicos da diferenciação da unidade linguística dos falantes em relação ao proposto pelo ALiB.

Assim, os 20 informantes que forneceram material de áudio para a pesquisa residiam nos bairros: Benguí, Guamá, Souza, Nazaré e Pedreira da cidade de Belém/ Pará. Então, a partir das entrevistas e estimulando os sujeitos a ficarem mais à vontade para melhor responderem as perguntas propostas pelo questionário fonético-fonológico, a fim de dar início a uma análise de todas as variantes obtidas, em relação as perguntas do QFF, num total de 159 perguntas, sendo que nesta pesquisa trabalhamos o fenômeno linguístico da transformação do /lh/ em /i/, com apenas 12 perguntas referentes as questões de número : (23, 25, 41, 44, 80, 112, 114, 122, 129, 139, 142, e 154) que constituem o *corpus* da pesquisa.

Conforme Tarallo (1985), esse modelo teórico metodológico parte da identificação do objeto, o fato linguístico – a língua falada. No que se refere à teoria, esta consiste na investigação científica sobre a língua, servindo como suporte para definir os procedimentos metodológicos a serem empregados durante o estudo

Transformação do /lh/ em /i/, segundo o questionário fonético-fonológico

O fenômeno da transformação do /lh/ em /i/ é um tipo de assimilação, chamado na Linguística de palatalização que, segundo Bagno (2007), advém da dificuldade de pronúncia do [ʎ] (símbolo fonética do 'lh'), por causa da elasticidade do dorso da língua, em que [ʎ] é pronunciado tocando a ponta da língua no palato (céu da boca) muito perto do ponto onde é produzida a semivogal /ɣ/ (símbolo usado para representar o “i” de pai). Isto é, a troca do lh por i, pontuando que a vogal i é muito mais fácil de ser pronunciada do que o lh e, por isso, essa troca é tão frequente. Assim, as pessoas acabam assimilando esse uso e nem percebem mais que ele é “diferente” dos outros. Outro fator determinante para essa troca é a facilidade de comunicação.

A palatalização é fenômeno diacrônico, estudado pela Fonética Histórica. Exemplos: *filiu* > *filho*, *palea* > *palha*, *muralia* > *muralha*, *arana* > *aranha*, *pineu* > *pinha*, *ingeniu* > *engenho*, *passione* > *paixão*, *hodie* > *hoje*, *plumbum* > *chumbo*, *inflare* > *inchar*. Em vastas áreas do Brasil, /t/ e /d/, seguidos de /i/ ou de /y/, tendem a ter pronúncia palatalizada: tio [tʃiw] e dia [dʒia], por exemplo.

A seguir mostraremos alguns exemplos, conforme o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Exemplos de palavras que podem sofrer o fenômeno da transformação do /lh/ em /i/.

Exemplos	Transcrição Fonética
Trabalho	[tra.'ba.ʎʊ] ou [tra.'baj.ʊ]
Velho	['ve.ʎʊ] ou ['vej.ʊ]

Fonte: ALiB-QFF (2001).

Para elencarmos os dados para a análise da existência ou não da transformação do /lh/ em /i/, utilizamos as perguntas do Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB-QFF 2001), constituído de 12 perguntas aos sujeitos entrevistados, distribuídos na rede de pontos (Benguí, Guamá, Souza, Nazaré e Pedreira).

As perguntas usadas pelo QFF foram:

- **Questão 23.** ... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.? Resposta: GRELHA Fonética: ['gre.ʎʊ];
- **Questão 25.** A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?] Resposta: COLHER (subst.) Fonética: [ko.'ʎɛɾ];
- **Questão 41.** ... a fêmea do carneiro? Resposta: OVELHA; Fonética: [ɔ.'ve.ʎʊ];
- **Questão 44.** ... um inseto que carrega o pólen das flores, vive em colmeias, fabrica um liquido grosso, amarelado, que é usado como alimento e como remédio? Resposta: ABELHA Fonética: [a.'be.ʎʊ];
- **Questão 80.** Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer? Resposta: TRABALHAR Fonética: [ʎɛ.trɐ.bɐ.ʎ'ar];
- **Questão 112.** ... isto? (apontar) Resposta: OLHO Fonética: ['o.ʎʊ];
- **Questão 114.** ... esta parte? (aponta) Resposta: ORELHA Fonética: [ɔ.'re.ʎʊ];
- **Questão 122.** ... essa parte? (apontar) Resposta: JOELHO Fonética: [ʒo.'e.ʎʊ];
- **Questão 129.** E Eva foi a primeira _____? Resposta: MULHER Fonética: [mu.'ʎɛɾ];
- **Questão 139.** Um sapato que não é novo é _____? Resposta: VELHO Fonética: ['ve.ʎʊ];
- **Questão 142.** ... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontrar um conhecido com a calça abeira, você /o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?] Resposta: BRAGUILHA Fonética: [brɐ.'gi.ʎʊ];
- **Questão 154.** quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar. Resposta: BARULHO Fonética: [bɐ.'ru.ʎʊ].

Após a realização das entrevistas, foi elaborado um quadro com informações referente ao

fenômeno da transformação do /lh/ em /i/, em suas redes de pontos (Benguí, Guamá, Souza, Nazaré e Pedreira), conforme Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Informações ao fenômeno linguístico – transformação do /lh/ em /i/

	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [gre.ʎe]	Suj02 [gre.ʎe]	Suj03 [gre.ʎe]	Suj04 [gre.ʎe]	Suj05 [gre.ʎe]	Suj06 [gre.ʎe]	Suj07 [gre.ʎe]	Suj08 [gre.ʎe]	Suj09 [gre.ʎe]	Suj10 [gre.ʎe]
Q23. [gre.ʎe]	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 ---	Suj14 [gre.ʎe]	Suj15 [gre.ʎe]	Suj16 [gre.ʎe]	Suj17 [gre.ʎe]	Suj18 [gre.ʎe]	Suj19 [gre.ʎe]	Suj20 [gre.ʎe]	Suj11 [gre.ʎe]	Suj12 [gre.ʎe]
	Benguí				Guamá				Souza	
Q25 [ko.ʎer]	Suj01 [ko.ʎer]	Suj02 [ko.ʎer]	Suj03 [ko.ʎer]	Suj04 [ko.ʎer]	Suj05 [ko.ʎer]	Suj06 [ko.ʎer]	Suj07 [ko.ʎer]	Suj08 [ko.ʎer]	Suj09 [ko.ʎer]	Suj10 [ko.ʎer]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [ko.ʎer]	Suj14 [ko.ʎer]	Suj15 [ko.ʎer]	Suj16 [ko.ʎer]	Suj17 [ko.ʎer]	Suj18 [ko.ʎer]	Suj19 [ko.ʎer]	Suj20 [ko.ʎer]	Suj11 [ko.ʎer]	Suj12 [ko.ʎer]
Q41 [o.ve.ʎe]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [o.ve.ʎe]	Suj02 [o.ve.ʎe]	Suj03 [o.ve.ʎe]	Suj04 [o.ve.ʎe]	Suj05 [o.ve.ʎe]	Suj06 [o.ve.ʎe]	Suj07 [o.ve.ʎe]	Suj08 [o.ve.ʎe]	Suj09 [o.ve.ʎe]	Suj10 [o.ve.ʎe]
	Nazaré				Pedreira					
	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01	Suj02	Suj03	Suj04	Suj05	Suj06	Suj07	Suj08	Suj09	Suj10
Q114 [o.ʎe.ʎe]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [o.ʎe.ʎe]	Suj02 [o.ʎe.ʎe]	Suj03 [o.ʎe.ʎe]	Suj04 [o.ʎe.ʎe]	Suj05 [o.ʎe.ʎe]	Suj06 [o.ʎe.ʎe]	Suj07 [o.ʎe.ʎe]	Suj08 [o.ʎe.ʎe]	Suj09 [o.ʎe.ʎe]	Suj10 [o.ʎe.ʎe]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [o.ʎe.ʎe]	Suj14 [o.ʎe.ʎe]	Suj15 [o.ʎe.ʎe]	Suj16 [o.ʎe.ʎe]	Suj17 [o.ʎe.ʎe]	Suj18 [o.ʎe.ʎe]	Suj19 ---	Suj20 [o.ʎe.ʎe]	Suj11 [o.ʎe.ʎe]	Suj12 [o.ʎe.ʎe]
Q122 [ʒo.ʎe.ʎo]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj02 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj03 ---	Suj04 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj05 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj06 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj07 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj08 ---	Suj09 ---	Suj10 [ʒo.ʎe.ʎo]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj14 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj15 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj16 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj17 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj18 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj19 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj20 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj11 [ʒo.ʎe.ʎo]	Suj12 [ʒo.ʎe.ʎo]
Q129 [mu.ʎer]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [mu.ʎer]	Suj02 [mu.ʎer]	Suj03 [mu.ʎer]	Suj04 [mu.ʎer]	Suj05 [mu.ʎer]	Suj06 [mu.ʎer]	Suj07 [mu.ʎer]	Suj08 [mu.ʎer]	Suj09 [mu.ʎer]	Suj10 [mu.ʎer]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [mu.ʎer]	Suj14 [mu.ʎer]	Suj15 [mu.ʎer]	Suj16 ---	Suj17 [mu.ʎer]	Suj18 [mu.ʎer]	Suj19 ---	Suj20 [mu.ʎer]	Suj11 [mu.ʎer]	Suj12 [mu.ʎer]
Q139 [ve.ʎo]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [ve.ʎo]	Suj02 [ve.ʎo]	Suj03 [ve.ʎo]	Suj04 [ve.ʎo]	Suj05 [ve.ʎo]	Suj06 [ve.ʎo]	Suj07 [ve.ʎo]	Suj08 [ve.ʎo]	Suj09 [ve.ʎo]	Suj10 [ve.ʎo]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [ve.ʎo]	Suj14 [ve.ʎo]	Suj15 [ve.ʎo]	Suj16 [ve.ʎo]	Suj17 [ve.ʎo]	Suj18 [ve.ʎo]	Suj19 [ve.ʎo]	Suj20 [ve.ʎo]	Suj11 [ve.ʎo]	Suj12 [ve.ʎo]
Q142 [bre.ʎi.ʎe]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [bre.ʎi.ʎe]	Suj02 ---	Suj03 ---	Suj04 [bre.ʎi.ʎe]	Suj05 ---	Suj06 [bre.ʎi.ʎe]	Suj07 [bre.ʎi.ʎe]	Suj08 ---	Suj09 [bre.ʎi.ʎe]	Suj10 [bre.ʎi.ʎe]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [bre.ʎi.ʎe]	Suj14 [bre.ʎi.ʎe]	Suj15 ---	Suj16 [bre.ʎi.ʎe]	Suj17 [bre.ʎi.ʎe]	Suj18 ---	Suj19 [bre.ʎi.ʎe]	Suj20 [bre.ʎi.ʎe]	Suj11 [bre.ʎi.ʎe]	Suj12 [bre.ʎi.ʎe]
Q154 [be.ʎu.ʎo]	Benguí				Guamá				Souza	
	Suj01 [be.ʎu.ʎo]	Suj02 [be.ʎu.ʎo]	Suj03 [be.ʎu.ʎo]	Suj04 [be.ʎu.ʎo]	Suj05 [be.ʎu.ʎo]	Suj06 [be.ʎu.ʎo]	Suj07 [be.ʎu.ʎo]	Suj08 ---	Suj09 [be.ʎu.ʎo]	Suj10 [be.ʎu.ʎo]
	Nazaré				Pedreira					
	Suj13 [be.ʎu.ʎo]	Suj14 [be.ʎu.ʎo]	Suj15 [be.ʎu.ʎo]	Suj16 [be.ʎu.ʎo]	Suj17 ---	Suj18 [be.ʎu.ʎo]	Suj19 ---	Suj20 [be.ʎu.ʎo]	Suj11 [be.ʎu.ʎo]	Suj12 [be.ʎu.ʎo]

Fonte: Alves, 2018

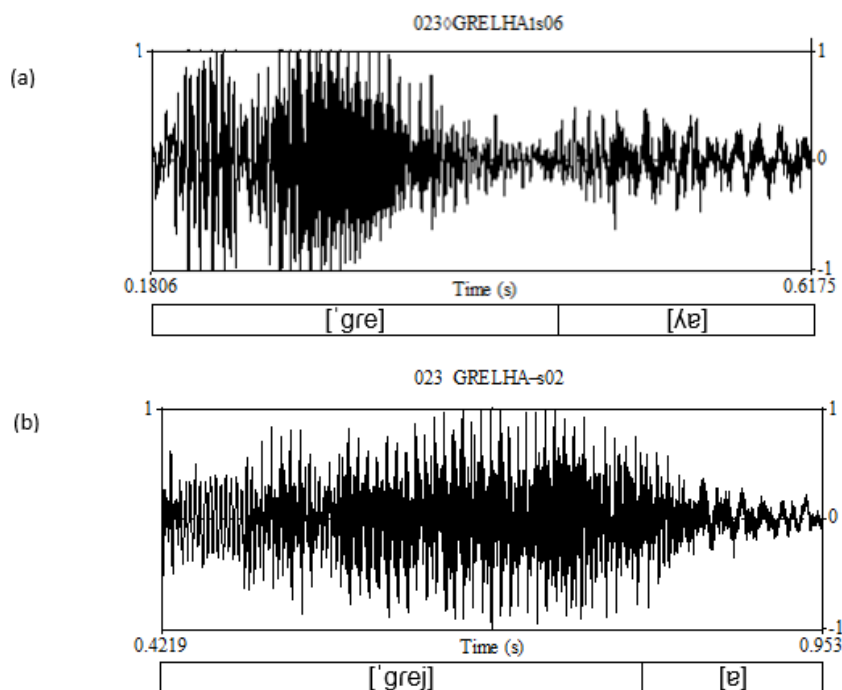
Mediante ao exposto no quadro, as informações obtidas, referente ao fenômeno linguístico: transformação do /lh/ em /i/, mostram as respostas que os 20 sujeitos:10 (dez) homens e 10 (dez) mulheres, agrupados por questões e por bairros (rede de pontos) num total de 12 questões do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), onde 18 (dezoitos) sujeitos ou não responderam ou responderam com léxico diferente a resposta prevista ao proposto pelo ALiB, de forma que tivemos que excluir por não possibilitar o estudo do fenômeno em questão.

As 222 palavras usadas na análise correspondem a 92,5% do total. Nos registros foram observados 27 fenômenos (12,2% das respostas analisadas), onde 7 (sete) sujeitos estão no Benguí (14,6% dos registros desse bairro), 3 (três) no Guamá (6,3% dos registros desse bairro), 5 no Souza (10,4% dos registros desse bairro), 6 (seis) em Nazaré (12,5% dos registros desse bairro) e 6 (seis) na Pedreira (12,5% dos registros desse bairro).

De forma geral, nos registros de campo, a transformação do /lh/ em /i/ ocorreu de forma muito sutil, ficando difícil de se perceber tal fenômeno em alguns áudios, sendo que nas

ocorrências desse fenômeno houve o vozeamento, um trecho com maior densidade de ondas de máxima amplitude e o alongamento da pronúncia da sílaba como está demonstrado nos espectrogramas nas Figuras 1a e 1b.

Figura 1 – Espectrograma das palavras: (a) ['gre.ʎɐ] e (b) ['grej.ɐ].

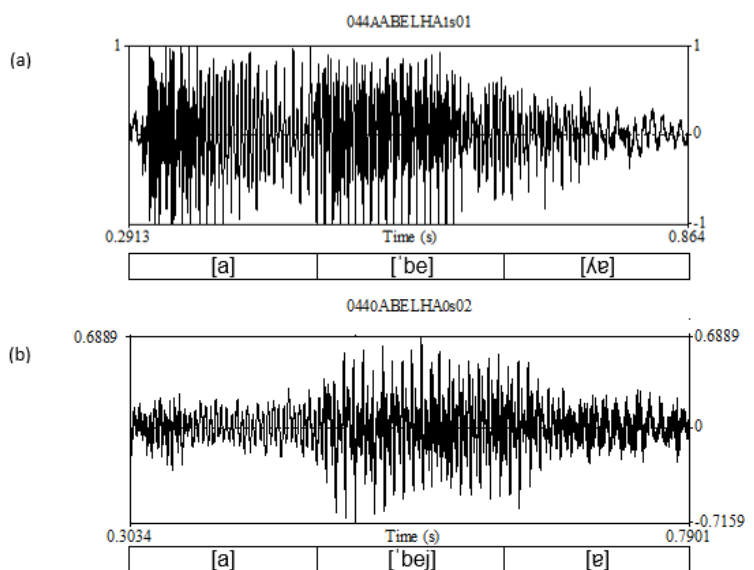


Fonte: Alves (2019)

Para demonstrar o vozeamento (maior densidade das ondas) e alongamento da sílaba quando acontece o fenômeno da transformação do /lh/ em /i/, usamos a palavra ['gre.ʎɐ] pelo Suj06 durou 0,4368s; e a sílaba ['gre] foi de 0,2676s e [ʎɐ] foi de 0,1692s, visto que a pronúncia de ['grej.ɐ] pelo Sujeito02 durou 0,5311s; e a sílaba ['grej] foi de 0,3848s e [ɐ] foi de 0,1463s. Comparando os espectrogramas das palavras ['gre.ʎɐ] e ['grej.ɐ], percebemos que no fenômeno da transformação do /lh/ em /i/, a pronúncia da sílaba ['grej] é bem mais longa e com muitas ondas, de forma densa, com amplitude máxima em comparação com a sílaba [ʎɐ], visto que na sílaba [ɐ] na palavra ['grej], onde há o fenômeno é de curta duração e tem seu sinal atenuado gradativamente durante sua pronúncia, registrado na Figura 4b, bem diferente da sílaba [ʎɐ] que, além de ser mais longa, é mais atenuada, sendo a variação da amplitude das ondas se mantém constante na maioria das pronúncias, conforme Figura 2a.

O vozeamento e o alongamento da pronúncia podem ser vistos nos espectros de quase todas as palavras, a exemplo, mostramos a seguir alguns espectrogramas que demonstram as características citadas anteriormente, sendo contantes quando há a existência do fenômeno da transformação do /lh/ em /i/. Observamos outro exemplo no espectrograma a seguir, conforme as Figuras 2a e 2b.

Figura 2 – Espectrograma das palavras: (a) [a.'be.ʎɐ] e (b) [a.'bej.ɐ].

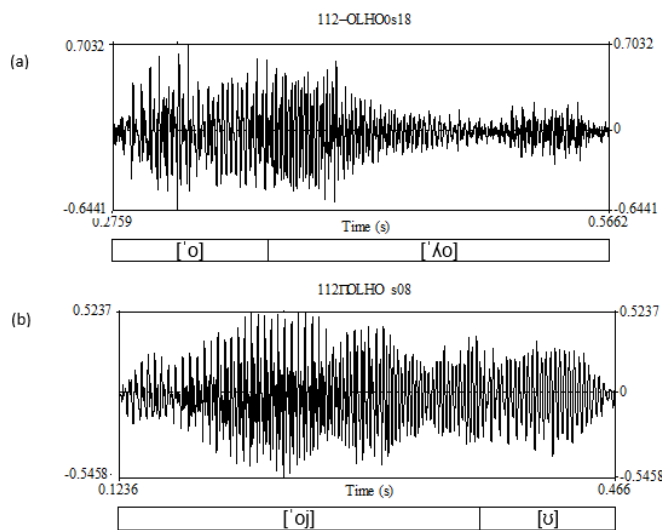


Fonte: Alves (2019)

A Figura 2 mostra a pronúncia da palavra [a.'be.ʎɐ] pelo Suj1 que durou 0,5733s; a sílaba [a] foi de 0,1451s; já a sílaba ['be] foi de 0,2423s; e [ʎɐ] foi de 0,1859 e a pronúncia de [a.'bej.ɐ] pelo Suj2 durou 0,4868s; a sílaba [a] foi de 0,1485s; já a sílaba ['bej] foi de 0,2591s; e [ɐ] foi de 0,0787 . Comparando os espectrogramas das palavras [a.'be.ʎɐ] e [a.'bej.ɐ], percebemos também no fenômeno da transformação do /lh/ em /i/, a pronúncia da sílaba ['grej] é bem mais longa, apresentando muitas ondas, de forma densa, com amplitude máxima em comparação com a sílaba [ʎɐ]. Enquanto que a sílaba [ɐ], no fenômeno, é mais atenuada com a pronúncia da palavra [a.'bej.ɐ] sem o fenômeno, conforme Figura 2b.

Temos outro exemplo no espectrograma a seguir, de acordo com as Figuras 3a e 3b, observemos:

Figura 3 – Espectrograma das palavras: (a) ['o.ʎo] e (b) ['oj.ɔ].

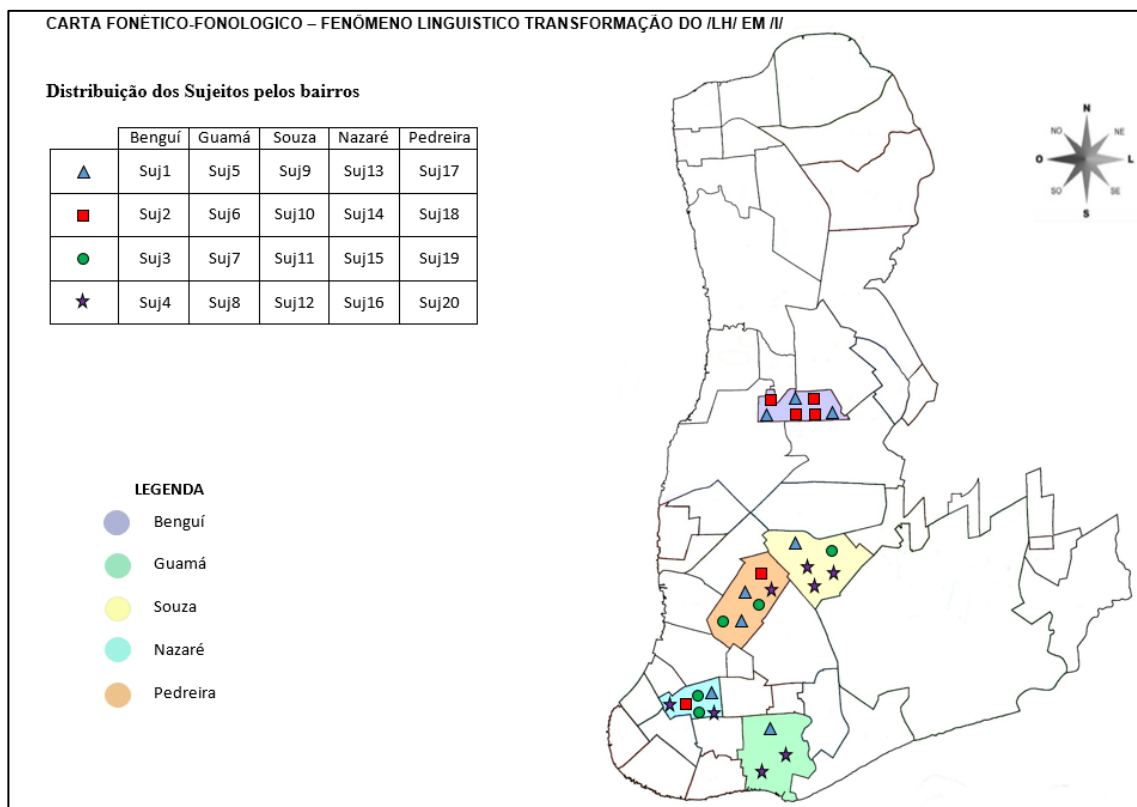


Fonte: Alves (2019)

Mediante aos registros nos espectrogramas, observados na Figura 3 que a pronúncia da palavra ['o.ʎo] pelo Suj18 durou 0,2902s; a sílaba ['o] foi de 0,1441s e [ʎo] foi de 0,1861s; a pronúncia de ['oj.ɔ] pelo Suj8 durou 0,3424s; a sílaba ['oj] foi de 0,2522s e ['bej] foi de 0,0902s. Comparando os espectrogramas das palavras ['o.ʎo] e ['oj.ɔ], percebemos também no fenômeno da transformação do /lh/ em /i/, a pronúncia da sílaba ['oj] é bem mais longa e com muitas ondas, de forma densa, com amplitude máxima em comparação com a sílaba ['o] da palavra ['o.ʎo].

A partir dos registros das perguntas do QFF/ALiB (2001) aos sujeitos em suas redes de pontos e com os dados obtidos, elaboramos um mapa, cartografando o fenômeno linguístico - *Transformação do /LH/ em /I/*, em suas redes de pontos (Benguí, Guamá, Souza, Nazaré e Pedreira), conforme apresentação da carta fonético-fonológica a seguir:

Carta 1 - Fonético-Fonológico - Fenômeno Linguístico - transformação do /lh/ em /i/.



Fonte: Alves, 2019.

Para compreender a descrição da Carta 1 - fonético-fonológico, representada no mapa anterior - transformação do /lh/ em /i/, onde fizemos a distribuição dos sujeitos por redes de pontos, exemplo, na primeira rede de ponto, é o bairro do Benguí, estão os Sujeitos de 01 a 04; na segunda rede de ponto, o bairro do Guamá, se encontra os Sujeitos de 05 a 08; na terceira rede de ponto, situa-se o bairro do Souza, estão os Sujeitos de 09 a 12; na quarta rede de ponto, é o bairro do Nazaré, onde os Sujeitos são de 13 a 16; e na quinta rede de ponto, no bairro do Pedreira, fica os Sujeitos de 17 a 20.

Entretanto, as falas dos sujeitos foram representadas por símbolos e cores, como triângulo na cor azul que corresponde aos Suj1, Suj5, Suj9, Suj13 e Suj17; quadrado na cor vermelha se refere ao Suj2, Suj6, Suj10, Suj14 e Suj18; círculo na cor verde, se remete aos Suj3, Suj7, Suj11, Suj15 e Suj19; e estrela na cor lilás se relaciona aos Suj4, Suj8, Suj12, Suj16 e Suj20, correlacionando aos bairros apresentados na legenda.

Na Carta 1 – fonético-fonológico no fenômeno linguístico – transformação do /lh/ em /i/ estão registrados 27 fenômenos observados, onde 07 fenômenos estão no Benguí, onde apenas dois sujeitos falaram (Suj01 e Suj02); 03 fenômenos no bairro do Guamá, foram dito por dois sujeitos (Suj05 e Suj08); 05 fenômenos no bairro do Souza, em que apenas três sujeitos falaram (Suj09, Suj11 e Suj12); 06 fenômenos no bairro de Nazaré, onde todos os sujeitos usaram o fenômeno (Suj13 a Suj16); e 06 fenômenos no bairro da Pedreira, em que todos os sujeitos usaram o fenômeno (Suj17 a Suj20).

Mediante ao registro exposto, observamos que alguns sujeitos que não/ou responderam a resposta do Questionário Fonético-Fonológico, mostrando que nem todas as respostas coincidiram com o proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil. A existência de 27 respostas com o fenômeno, indica que no falar belenense ocorrer a transformação em /LH/ em /I/.

Análises e discussão

A epistemologia do fenômeno linguístico observado na pesquisa, a transformação do /lh/ em /i/ surge a partir da linguística histórica, onde aparece com o nome de “yeísmo”, um fenômeno linguístico da língua espanhola pelo qual o dígrafo ll (“l” duplo que equivalente ao fonema lh do português, representado no Alfabeto Fonético Internacional como /ʎ/) ‘sofre’ alteração fonética e é pronunciado como y (*ípsilon* ou i grego), resultando nos fonemas j, j, ʝ, ɟ ou ʃ.

No espanhol isso também acontece, as consoantes / LL / equivalentes ao “lhê” do português padrão são pronunciadas apenas na região de Castella, mas no restante da Espanha, esse som se transforma em / i /, como o “i” da palavra pai e, por isso, se escreve *caballo* (que significa cavalo), em Castella se diz *caballo* e em variantes populares se diz *cabaio*.

De acordo com algumas considerações de Bagno (2009), fato semelhante ocorre também no francês padrão: *abeille* se pronuncia *abéy*; *ail* (ay), *bataille* (batáye). No entanto, na França, isso não é considerado erro. Para o autor, uma das explicações é o total apagamento da consoante / lh / no francês padrão é a proximidade e comodidade que o falante tem de pronunciar o / i / ao invés do / lh /.

A consoante /lh/ é produzida com a ponta da língua tocando o palato, muito perto do ponto onde é produzida a semivogal /y/. Prova que isso acontece é o fato de estrangeiros pronunciarem *trabaio**, *véio**, *abêia* quando estão aprendendo o português, pois em sua língua não tem a consoante /lh/ e sentem dificuldade em pronunciá-la, por isso, a substituem pelo som mais próximo que encontram, que é justamente o /y/.

No Brasil, em algumas zonas rurais, nas regiões de norte a sul, e como na fala popular das periferias e das cidades grandes, ainda encontramos essa divergência entre <lh> (/ʎ/) e <i> /j/ em posição intervocálica, o que, às vezes, se reflete em erros de ortografia, por exemplo, temos: *velho*, *palha*, *abelha* e *olho*, pronunciadas incorretamente: *veio*, *paia*, *abêia* e *oio*.

Nessa perspectiva, percebemos que ocorre em determinadas falas do português não-padrão o som consonantal de ‘LH’ – representado por /l/ - simplesmente não existe. Assim como não existe no português-padrão, a consoante ‘TH’ típica do inglês (como em *thing*, ou como no *ceceio*, a deficiência da fala em que se pronuncia o S com a língua entre os dentes). Assim, percebemos que não é raro se ouvir a pronúncia *véio* em vez de *velho*, no qual o uso de *yeísmo*, ou transformação do /lh/ em /i/, também conhecido como assimilação, chamado na Linguística de palatização, referente a linguística como o fenômeno mais antigo, contribuindo para a riqueza do jeito de falar natural de uma região e de um povo.

Sabemos que toda língua está se modificando, de forma contínua e sutil para seus falantes. Por isso, para a realidade linguística do português não-padrão do Brasil, decorre da mudança de classe social do sujeito que também significou mudança de variedade linguística dominante, inerente as poucas décadas depois da Revolução, perpassando no início do século XX, onde mais ninguém sabia pronunciar a antiga consoante /ʎ/. A partir desse pressuposto, se pontua na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. “Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada errada, feia estropiada, rudimentar, deficiente” (BAGNO, 2009, p. 37).

Entretanto, a transformação do /lh/ em /i/ é um desses casos que “agredem” alguns ouvintes, ao pronunciar *trabaio* ao invés de trabalho, por exemplo, é muito mal visto em nossa sociedade. Normalmente associa-se esse “erro” a pessoas com baixa escolaridade. Porém, as questões sociais, culturais se diferem para aqueles que falam *véio* daqueles que falam *trabaio*, mesmo que haja o fenômeno em comum ou não.

Nesta pesquisa, de um modo geral, as informações coletadas, referentes ao fenômeno da transformação do /lh/ em /i/, mostram que num total de 222 palavras, em respostas a um QFF, aplicado a 20 sujeitos, homens e mulheres, foram observados 27 fenômenos (12,2% das respostas analisadas), pronúncias de palavras que coincidiram com o proposto pelo ALiB (2001).

A possibilidade de observar nos registros de campo a *transformação do /lh/ em /i/*, se deu de forma muito sutil, ficando difícil de se perceber tal fenômeno em alguns áudios, visto que, em quase todas as ocorrências desse fenômeno, houve o vozeamento, demonstrando um trecho com maior densidade de ondas de máxima amplitude e o alongamento da pronúncia da sílaba, sendo constantes quando há existência do fenômeno.

A Carta fonético-fonológica 1 - *transformação do /lh/ em /i/* mostra a distribuição geográfica dos sujeitos por bairro, que fizeram uso do fenômeno nas 27 palavras do QFF/ALiB (2001) - questionário fonético-fonológico, indicando que no falar belenense ocorreram a *transformação do /lh/ em /i/*, assim, a pesquisa quanto ao fenômeno linguístico nos permite convergir, que a existência dos fenômenos dos dados de campo ocorrem devido a influência de outras línguas no português, o que é evidenciado em um falar popular.

Considerações finais

Iniciamos nosso diálogo, com a citação de Bagno (2007), “o que se convencionou chamar de “língua” nas sociedades letradas é, na verdade, um produto social, artificial, que não corresponde àquilo que a língua realmente é” (p.35).

A partir desse pressuposto, ao ouvirmos falar em “padrão”, imaginamos algo que é comum a todos, ou seja, tem um modelo que todos devem seguir, porém, a “norma padrão”, como diz Faraco (2008, p. 73), não é bem uma norma, “mas um construto sócio histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”.

Dessa forma, a “norma” serve para estimular um padrão linguístico em que as pessoas idealizam a língua, valorizam a escrita e colocam a fala à margem, pois há o desejo de querer falar da mesma maneira que se escreve, não levando em consideração que é a fala que representa o uso real da língua. Essa “norma padrão” não é algo que acontece naturalmente, como os fenômenos, mas são regras descritas nas gramáticas normativas que servem de base, sobretudo, para a escrita.

Para Faraco (2008, p.56), “combina práticas culturais, valores sociais e elementos propriamente linguísticos”. A norma “não padrão” é toda aquela que foge da “norma padrão”, ou seja, são todas as outras variedades linguísticas que existem em qualquer comunidade de fala, mas que a gramática normativa não reconhece como língua, pois para os gramáticos, a língua deve permanecer inalterada, homogênea.

Entretanto, para Bortoni-Ricardo (2009), podemos situar qualquer falante, que utilize qualquer variante, em uso contínuo, demonstrando, dessa forma, a variação do nosso Português, ressaltando que o objetivo principal é que o interlocutor entenda a mensagem que se quer transmitir, independentemente da variante que seja utilizada para o ação de comunicação entre os sujeitos.

Observamos que a língua é uma questão cultural, é uma característica nossa; não devemos sentir vergonha do nosso jeito de falar, do jeito que a nossa comunidade fala, mas procurar ampliar nosso repertório linguístico e adequá-lo as diversas situações comunicativas que praticamos diariamente sem perceber.

Para Bagno (2010), existem vários tipos de variações linguísticas, que podem ser: sintáticas, onde ocorre uma variação na maneira de organizar as frases; lexicais, nas quais as mudanças podem ser geradas por causa da região geográfica; semânticas, no que diz respeito aos diferentes sentidos que uma palavra pode ter e a mudança linguística fonética, que se detém ao modo de pronunciar os sons de uma língua.

Dessa forma, o fenômeno que a pesquisa trabalhou está voltado para o último tipo de variação citado, o fonético, visto que analisar o falar Belenense em aspecto fonético-fonológicos, mapeando se esse falar se diferencia do falar proposto pelo ALiB, focando descrever a realidade linguística da cidade de Belém, com vistas a identificar fenômenos fonético-fonológicos, característicos da diferenciação da unidade linguísticas dos falantes em relação ao proposto pelo ALiB, nesse caso, o fenômeno linguístico – *transformação do /lh/ em /i/*.

Portanto, fizemos esta abordagem conceituando o fenômeno, exemplificando e estabelecendo uma ponte com outros trabalhos nos quais essas variações foram abordadas e o que as *Gramáticas Históricas* de Said Ali (1971), Coutinho (1982) e Câmara Jr. (1975) mencionam a respeito dos fenômenos em questão, além das Gramáticas Normativas de Faraco e Moura (2003) e Bechara (2009).

A percepção do fenômeno linguístico – *transformação do /lh/ em /i/*, ou seja, “yeísmo”, que acontece porque existe o processo de vocalização da lateral palatal /ʎ/ = “lhê” em /y/ = i, produzindo, dessa maneira, um ditongo, como nos seguintes exemplos: *palha*>*paia*; *mulher*>*muié*. Observamos, a importância em discutir e trabalhar também com esse tipo de fenômeno linguístico, visto que suas ocorrências são antigas e fazem parte da formação da nossa língua.

Santos (2012), em sua dissertação, procurou verificar a extensão das circunstâncias desse fenômeno no município de Papagaios/MG e se os fatores que levam as ocorrências do fenômeno correspondem aos geográficos, visto que já foi comprovada ocorrências em áreas rurais do Paraná, de Goiás, de Minas Gerais e do interior de São Paulo. Em seu estudo também foi mencionado que há uma maior ocorrência desse fenômeno em grupos socioeconômicos menos favorecidos, indivíduos menos escolarizados e idosos. A variante social do gênero não foi relevante. Em relação à alusão desse fenômeno linguístico nas gramáticas, foi encontrado um pequeno tópico, na gramática de Faraco e Moura (2003), que discorria sobre as mudanças de fonemas e um deles era exatamente sobre esse fenômeno, mas não o conceituava. Um dos exemplos encontrado na gramática foi este: “*velha*>*véia*” (FARACO; MOURA, 2003, p. 67).

Vale ressaltar quanto a relação ao fenômeno do *yeísmo*, que é transformação do /lh/ em /i/, ou seja, um dígrafo que na pronúncia é transformado em uma semivogal, observando que quanto maior a escolaridade, menor sua ocorrência; quanto mais próximo da zona urbana menor poderá ser sua ocorrência e se o sujeito for do sexo feminino terá um índice menor da produção do fenômeno, visto que as mulheres são mais atentas às questões de adequação de linguagem em termos gerais.

Por se tratar de um fenômeno de fácil percepção linguística, e levado em consideração a prática do sujeitos em relação às variantes “padrão” e “não padrão”, pois o que eles entendem sobre língua, possivelmente, é o reflexo de como a sociedade evidencia os fenômenos linguísticos, ou seja, como ressalta o outro jeito de falar que não corresponde ao que as gramáticas normativas estabelecem.

Diante do exposto, constatamos que a língua faz parte dessa característica coletiva e identifica uma comunidade, mas também é individual, pois cada um tem o seu jeito de se expressar e isso não distorce ou inferioriza a nossa língua, enfatizando que são naturais essas variações no modo de falar, além, é claro, das outras questões que condicionam essa escolha ou a ocorrência dos fenômenos linguísticos.

Vale ressaltar que o presente trabalho pode contribuir para uma reflexão sobre o valor social da variação linguística. Além disso, o desenvolvimento da presente pesquisa tem com vistas a identificar os elementos/fenômenos fonético-fonológicos, característicos da diferenciação da unidade linguística, que se remete ao questionário fonético-fonológico, dos falantes em relação ao proposto pelo Atlas Linguístico do Brasil, trabalhando as redes de pontos na cidade de Belém, no estado do Pará, a fim de expandir as discussões em outros estudos, abarcados nesse sentido.

Referências

- BAGNO, M. *A língua de Eulália: Novela sociolinguística*. 16 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editora, 2007.
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELINE, R. Variação linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística I: objetos*

teóricos. São Paulo: Contexto, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: UEL, 2001.

COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982.

COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1982. Coleção Linguagem.

CRISTÓFARO, T. S. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FARACO, C. E. *A norma-padrão brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2003.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. de O. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, N. da S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (org.). *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016.

GOMES, F. R. R. *Cartografia linguística e educação na Amazônia: um estudo semântico-lexical da fala na/da microrregião Marabá/Pará*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2007.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumento de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SANTOS, K. B. *Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios MG*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, M. do P. S. C. *Estudo semântico-lexical: com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará*. 2002. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

Recebido em: 25/11/2020

Aceito em: 19/01/2021